

Resenha

1968 O ano que não terminou

Zuenir Ventura, São Paulo, Planeta do Brasil, 2008, p.284

Geanne Lima*

A obra de Zuenir Ventura relata de forma romântica como os acontecimentos de 1968 marcaram a história, não só do Brasil como do mundo. Em uma festa de réveillon, na casa de Heloísa Buarque de Holanda, vários estudantes e intelectuais especulavam sobre como seria o tão esperado ano de 1968. Muitos acreditavam que aquele era o ano em que alguns projetos sociais iriam se concretizar. Diante de tantas especulações, todos tinham algo em comum – a suspeita de que o ano de 1968 poderia vir seguido de grandes acontecimentos e de avassaladoras emoções.

Naquele ano as trajetórias políticas e culturais, tanto do mundo quanto do Brasil, tomaram rumos que iriam marcar para sempre a história cultural e política de várias épocas. O Maio de 1968, uns dos movimentos esquerdistas mais importantes da história francesa, refletia no universo dos estudantes de São Paulo e do Rio de forma surpreendente. Uma geração ávida por luta, que nas palavras do próprio Zuenir Ventura, experimentou os limites de todos os horizontes – político, sexual, religioso e, principalmente, comportamental.

A sede de liberdade e a vontade de vivenciar novas aventuras faziam a geração de 68 quebrar barreiras sociais e valores até então estabelecidos por gerações anteriores. Esse novo existencialismo também rompia com um modelo estabelecido pelos governantes políticos.

A trajetória feita por Zuenir Ventura, fala das conquistas de uma geração que se preocupava com a conjuntura da época. Entre essas conquistas estão: a discussão sobre sexo nas salas de aula; o avanço da moda que era reflexo da rebeldia daquela geração; o uso da pílula anticoncepcional, que provocava mudanças no comportamento da mulher brasileira; o uso da maconha pela classe média alta, muitas vezes até como forma ideológica; a necessidade de ler autores que tinham uma visão revolucionária, como: Karl Marx, Trotsky, Guevara. Na verdade, a geração de 68 adquiria, na literatura,

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

embasamento para suas práticas políticas; e como disse o próprio Zeunir, não era uma geração de imagem, e sim, de leitura.

Nem o fascínio da televisão, que era uma das mais impressionantes invenções tecnológicas dos últimos tempos, impactava os estudantes revolucionários de 1968. A atração principal daquele cenário era o cinema, o teatro e a música, pois aquela geração era movida pelos grandes festivais da canção, uma vez que era nestes que colocavam para fora todo o seu talento e entusiasmo.

A música também passava por uma nova fase – o surgimento da Tropicália, movimento fruto da geração de 68, veio com uma imensa necessidade de expressar, através da arte, o momento que o Brasil estava passando. Vários artistas se consagraram naquela época: Caetano Veloso, Chico Buarque, Tom Zé, entre outros. Porém, não podemos dizer que foi só a música que atravessou uma nova fase em 1968, o cinema estava cada vez mais se consolidando, e o teatro era uma das maiores representações do momento, peças como *Roda Vida*, *Um rei da vida*, *Um bonde chamado desejo*, atraíam a atenção de uma geração eufórica e com muita sede de cultura.

Em temas políticos, o Brasil vivia um verdadeiro clima de tensão. Quatro anos depois do Golpe Militar, os governantes continuaram com o regime ditatorial, só que dessa vez de forma mais rigorosa. A censura, punição, cassação, tortura, exílio e repressão eram as características principais da política brasileira.

A nova lei criada por Flávio Suplicy de Lacerda, que vedava aos estudantes a participação em questões políticas e proibia a organização de qualquer manifestação, parece que não foi suficiente para os militares, e estes, cada vez mais prendiam suas atenções para os estudantes. Diante de tanta repressão e perseguição, os estudantes sentiram a necessidade de criar um movimento estudantil bem articulado em termos políticos, e bem crítico em relação à ditadura militar.

Mas o movimento estudantil só começou a ganhar apoio da sociedade civil depois da morte do estudante Edson Luis Lima Souto – esse ato de crueldade só serviu para demonstrar de fato a intolerância dos militares em relação à classe estudantil. A morte de Edson chocou todo o país, e durante o seu enterro houve várias demonstrações de indignação com o sistema que pairava na sociedade brasileira. Cinquenta mil pessoas revoltadas se reuniram em frente à Assembléia Legislativa para dar o último adeus a Edson Luis.

A situação ficava difícil para a classe estudantil e muitas de suas manifestações políticas foram desarticuladas pelos militares. Por outro lado, o movimento estudantil

estava começando a ganhar forças, e com o apoio extraordinário dos meios de comunicação esse movimento passou a repercutir em todo o país.

No dia de uma grande manifestação no Rio de Janeiro, considerado por muitos como “sexta-feira sangrenta”, os estudantes, juntamente com boa parte da sociedade civil, enfrentaram a polícia. Esse enfrentamento resultou em 23 pessoas baleadas e 4 mortas, entre elas um soldado da Polícia Militar, além de outros soldados que foram feridos e intoxicados. Na “sexta-feira sangrenta”, o Rio era reflexo do movimento Maio de 68 que acontecia em Paris.

A situação de violência tomou uma proporção tão grande que o movimento estudantil ficou completamente nas mãos dos militares. E diante do comodismo do Ministro da Educação, os estudantes, com o inesperado apoio da classe média brasileira, organizaram uma passeata na Cinelândia, que contou com cem mil pessoas. Esta ficou conhecida como a “Passeata dos Cem Mil”, e tinha como líderes Vladimir Palmeira, deputado constituinte pelo PT, e Luis Travassos, Presidente da UNE. A “Passeata dos Cem Mil” foi a maior demonstração de luta contra a Ditadura Militar.

Mas a esquerda estudantil aos poucos começou a perder suas forças e, em 13 de dezembro de 68, durante o governo do general Costa e Silva, foi estabelecido o Ato Institucional Número 5. Esse ato legitimava a censura prévia a todos os meios de comunicação e controlava rigorosamente qualquer produção cultural. As mais diversas formas de arte eram consideradas, pelos censores, como inapropriadas para o momento político brasileiro e agressivas ao Estado. O Ato Institucional Número 5 se estendeu até 1978 e foi o período mais rigoroso da história política do Brasil. Depois desse regime só restava, à geração de 1968, privar-se dos seus sonhos e ideais; e para muitos artistas e estudantes, sobraram apenas o exílio e a tortura.

O ano de 1968, como foi dito através desse pequeno relato, foi cheio de turbulências e aventuras – o que resta agora é saber o que cada um de nós carrega dessa geração, que ao mesmo tempo em que tinha muita vontade de lutar pelos seus ideais e comemorar suas conquistas, viveu sob grande repressão e tortura. Não há dúvidas de que o ano de 1968 continuará para sempre no imaginário o povo brasileiro.